

Considerações acerca da experiência na monitoria da disciplina Antropologia I

Mirila Greicy Bittencourt Cunha

É com olhar distanciado, que agora, seis meses após o exercício realizado como monitora da disciplina Antropologia I, decorrido durante o ano de 2011, faço reflexões do que significou este projeto tanto aos meus conhecimentos de significação pessoal quanto profissional. Para o plano pessoal obtive aproximação com estudantes de diferentes períodos e interessantes trocas de experiências e debates. Já no âmbito profissional pude exercitar a prática da docência, contribuindo para meu desenvolvimento como profissional da educação na área das Ciências Sociais.

O projeto de monitoria foi iniciado no primeiro semestre de 2011, sob a orientação da professora doutora Glaucia Mouzinho, e estendeu-se até o segundo semestre do mesmo ano. A partir de então a professora da disciplina Antropologia I deixou de ser a professora Glaucia e passou a ser a professora doutora Simone Silva, a qual deu prosseguimento à orientação.

Após realizar a inscrição no site da instituição para o ingresso no projeto fiz prova escrita que consistiu na descrição dos conteúdos envolvidos no programa de disciplina da matéria Antropologia I, realizada no primeiro período. Ultrapassando esta etapa, fui ainda avaliada e aprovada em entrevista proferida pela própria orientadora, a professora Glaucia Mouzinho. Que observou principalmente meu desenvolvimento oral e postura corpórea, fundamentais à desenvoltura de se estar frente a um público.

Depois desta fase de ingresso, a organização conjunta para a prática e realização da monitoria foi determinada pelo acompanhamento das aulas e também sua ministração sempre sob a supervisão e orientação da professora responsável. Além disso, ainda eram necessárias reuniões entre a professora e os alunos; a disponibilidade de material de apoio; oficinas de leitura e eventos extraclases, bem como a verificação de materiais impressos e de vídeos existentes na biblioteca e participação em orientações e interpretações de textos sempre relativos ao conteúdo do curso.

Foram analisados livros pertencentes a uma bibliografia básica para a matéria de antropologia I como, por exemplo: CASTRO, Celso. *Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005; DAMATTA, Roberto.

Relativizando: uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1983; FOOTE-WHITE, William. *Treinando a observação participante*. / MALINOWSKI, B. 1- *Objetivo, método e alcance desta pesquisa*. In: Zaluar, Alba (org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992; LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. 9ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Para a interação com os alunos, como a orientação e discussão dos textos, propus que poderiam ocorrer tanto presencialmente quanto de maneira online. Facilitando o acesso de quem não pode comparecer aos encontros fora do horário de aula por motivo de trabalho. Visto que na UFF é oferecido somente o horário noturno para este curso. Ademais, muitos alunos residem em outros municípios – como, particularmente, no meu próprio caso. Assim, desde o início do projeto foi criado o endereço eletrônico antropologia@hotmail.com, que também possibilita a conversação instantânea a fim de esclarecer dúvidas, opiniões, sugestões, críticas ou quaisquer outras trocas. Sempre com horário antecipadamente marcado e estendido até mesmo aos sábados.

O levantamento dos dados bibliográficos e das referências de vídeos, feito na biblioteca local, fundamentais como complemento da aprendizagem, apontou para a carência de determinados itens. O que pode contribuir para explicar a falta de aprofundamento por parte dos alunos a um conhecimento mais detalhado dos conteúdos oferecidos em sala de aula. Porém, levando em consideração, que o pólo da UFF em Campos dos Goytacazes, por cinquenta anos ofereceu somente o curso de Serviço Social, associamos esta pendência quanto à qualidade e quantidade do acervo da biblioteca aos demais cursos, iniciados no segundo semestre de 2009 (Ciências Sociais, Geografia e Economia) e em 2010 (Psicologia e História), como um reflexo desta recente expansão.

Contudo, como demonstrado no livro *“Práticas Acadêmicas e o Ensino Universitário”* de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto fico convencida de que continuamos a seguir a tradição das bibliotecas particulares. Que subsistem graças aos materiais fornecidos pelos próprios professores, que garantem tais doações, somente através das relações do corpo docente com o corpo bibliotecário. Pois assim, todos saem ganhando, uma vez que uma relação mais próxima entre professores e bibliotecários também facilita a aproximação aos textos existentes, bem como novas doações por parte dos primeiros, universalizando o acesso.

Como monitora, notei que não ocorreu uma participação aceitável dos alunos aos encontros definidos, ainda que eu tenha disponibilizado ao menos duas horas por semana, tanto para os encontros pessoais quanto para as conversas online.

Para melhor compreender os motivos de uma participação insuficiente por parte dos alunos, mesmo com meu envolvimento e comprometimento com o projeto, foram possíveis algumas observações. Uma delas é o indicativo de que os alunos tendem a não reconhecer o conhecimento transmitido por colegas. Visto que eu estava apenas dois períodos à frente. Fazendo visível a expectativa de que somente o professor domina o conteúdo de forma legítima, particularmente por se tratar de uma turma de primeiro período. Quando o aluno ainda não domina o cotidiano da universidade, suas regras e instrumentos de formação, totalmente diferenciados do período de ensino fundamental e médio. Do qual, muitas das vezes, não são condicionados nem mesmo a formular perguntas.

Após ser classificada com nota máxima dentre outros dezesseis alunos, então monitores, de todos os cursos oferecidos pelo pólo da UFF de Campos dos Goytacazes, apresentei em Niterói, na XIV Semana de Monitoria, o relatório final deste projeto. E ao final da exposição de todos os monitores, compreendi que estas situações em questão, não são peculiares ao pólo da UFF Campos. Do mesmo modo também ocorrem em outros pólos universitários da UFF, localizados no interior do Estado do Rio de Janeiro. Ou seja, a expansão das instituições, ainda não alcança as necessidades e anseios devidos à falta de estrutura. Tanto para seus discentes quanto para os docentes.

Assim, enquanto universitária, e sendo minha primeira experiência para além da sala de aula, considero esta oportunidade de atuação como monitora, um acontecimento esplêndido. Tal experiência me permite avaliar que, ao expandir para outras localidades, o curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense promove grande democratização acadêmica, porém, ainda necessita de melhorias no concernente ao material de apoio e incentivos por parte da instituição. Pois é notória a defasagem ao complemento de uma educação de qualidade, apresentando-se então, elitizada e centralizada em sua sede. Entretanto, grande parte desta melhoria pode vir de nós mesmos. Através de, como por exemplo, o meu caso, a participação plena no projeto disponibilizado pela universidade, a monitoria.